

ECLOGA PASTORIL

INTITULADA

A RESTAURAÇÃO

DE

P O R T U G A L.

PASTORES QUE NELLA FALLÃO,

Delio, e Albano.

POR HUM AMIGO DA PATRIA:

António Lourenço Camacho



L I S B O A,

NA IMPRESSAM REGIA.

A N N O M. D.CCCIX.

Com Licença.

QUEM NAS VIRTUDES FOR INTEIRO, E PURO
AS LAMINAS ESCUSE, E ARNEZ TRAÇADO,
OS ARCABUZES, JAZERINA MALHA,
SETAS HERVADAS.

Prestrello Ode IV.

ADVERTENCIA.

A Pezar de Boileau , e outros muitos Mestres de Poesia recommendarem o decóro Pastoril , todos os Sabios de commum acordo assentão não ser alheia de hum Pastor a cultura , e a Instrucção ; pois assim como Aristoteles não quer se fingão os costumes dos peiores homens na Comedia , igualmente o Pastor não deve buscar os costumes rusticos , e indomitos para a Bucolica ; por consequencia ficará desculpada esta tal , ou qual lição de Historia Nacional , que o Poeta põe na boca dos seus Pastores Lusos , vizinhos da Capital , &c.

E C L O G A.

PASTORES QUE NELLA FALLÃO;

Delio, e Albano..

I.

Del. **Q**ue novidade he esta, Albano amigo?
 No Campo, e lá na Aldêa o que he que vejo?
 Todos deixando o natural abrigo,
 Entregues tão sómente ao festejo?
 Foi-se acaso o voraz lobo inimigo
 Destes Campos que banha o claro Téjo?
 Que tanta mortandade nos fazia
 Em os nossos Redes de noite, e dia?

II.

Eu pasmo do que vai nos arredores
 Destas nossas Aldêas afamadas!
 As Serranas s'enfeitão com mil flores!
 Estão as portas dos Casaes juncadas!
 Escutão-se toda a hora altos louvores
 Ao Author das Angelicas Moradas!
 A causa dizê pois deste contento,
 Porque em quanto a não sei, vivo em tormento!

III.

He bem verdade que por trás da Serra,
 Onde apascento o meu manso gado,
 Me pareceo ouvir hum som de Guerra,
 Que o mortal peito torna congelado:
 De denso fumo vi coberta a terra
 Os raios estorvando ao Sol doirado,
 Ouvi ais, ouvi gritos espantosos
 Resoarem nos Montes cavernosos.

IV.

Porém o que isto seja, caro Amigo,
 Eu o ignoro; eia pois te rógó,
 (Pois vens de recolher o loiro trigo)
 Qu' á minha alma dê este desafogo:
Alb. O destroço pintar-te do Inimigo,
 Qu' em solto pó tornou heroico jogo,
 Seria temeridade, e fatal erro,
 Ainda que tivesse a voz de ferro.

V.

Que valente Soldado, que Guerreiro,
 Que duro peito revestido d' aço
 Contar póde taes coisas por inteiro,
 Sem que suspenso fique hum bom espaço;
 Sem que seu coração veja primeiro
 Envolto todo em hum mortal fracasso?
 Sem que por fim não sinta grande mágoa
 Seus olhos affogando em mares d' agoa.

VI.

Mas pois saber desejas os motivos
 De prazer tanto, tanta flicidade,
 Quanto fizerão corações altivos
 Com tão desconhecida heroicidade:
 Feitos, que guardará o tempo vivos
 Nas azas da immortal Heroicidade,
 Em quanto o claro Sol der luz ao Mundo
 Dando aos humanos hum prazer jucundo.

VII.

E pois se vão as Ursas já banhando
 Nas mansas ondas, como tem costume
 Ao somno os humanos convidando,
 E a Lua já desponta no alto cume.
 O que pude saber, irei contando,
 Visto que deste facto não tens lume:
 Eis-aqui, Pastor meu, huma Escripura,
 Tosco quadro de tanta desventura.

VIII.

Além dos Alpes vive hum Leão perverso,
 A quem saciar não póde o sangue humano,
 Que atropellando todo o Universo,
 Semêa em toda a parte o horror, e o damno:
 Elle não teme ver o Ceo adverso
 (Oh miseravel, Ente triste, e insano!)
 Surdo aos clamores do piedoso rogo
 Os Templos entrega ao ferro, ao fogo.

IX.

Esqueça a dura, e mísera ruína
 Que fez o implacavel Neregel
 Nessa sempre famosa Palestina
 Por ordem do Monarca de Babel:
 Esqueça a triste, e luctuosa sina
 Do miseravel Povo d'Israel,
 Esqueça finalmente o fiel transumto
 Da destruida Troia, e de Sagunto.

X.

Qu' eu tenho de chorar com pranto eterno
 Estranhas mil crueis atrocidades,
 Qu' o mais selvagem peito fará terno
 Discorrendo por todas as idades:
 Parece que s'abrio o horrendo Inferno,
 E qu' abortando as infernaes Deidades,
 Postas em fim na Região do dia,
 Ostentão sua audacia, e tyrannia.

XI.

Soberbos Esquadrões de gente armada
 Marchando vem com furia desmedida,
 Não perdoando á Torre levantada,
 Nem á pobre choupana, e abatida:
 Tudo se prostra ao furor da espada,
 A ninguem se perdoa a cara vida,
 Não sómente padece o que he sensivel,
 Como tambem ainda o insensivel.

XII.

Para contar o número infindo
 D' enxames vís, com que s' inunda a terra,
 O soccorro preciso do alto Pindo,
 Tal era o quadro da cruenta guerra!
 Do Téjo discorrendo até ao Indo
 Mais insectos o Globo não soterra
 Em as suas entranhas, o Sol puro
 Das densas Armas não penetra o Muro.

XIII.

Como vemos sahir d' um antigo tronco
 Apinhoados Esquadrões d' Abelhas
 Qu' o ar enchendo d' um sonido bronco
 Sobem dos Edificios ás altas talhas.
 Ou qual no Inverno com terrivel ronco
 Sóem cahir no chão as folhas velhas,
 Tal era a multidão da gente imiga
 Que vem marchando com cruel fadiga.

XIV.

Audazes pizão já terras d' Hespanha
 (Faltos de tudo que he preciso á vida)
 Desprezando do Ceo a ira, e sanha
 Com impeto, e braveza desmedida:
 As mais sagradas Leis os não acanha,
 Porque não possam arrancar a vida
 A' mesma fêra, ao triste humano
 Com barbaro furor, fero, e insano.

XV.

Como vemos na Serra corpulenta
 Desse alto Erminio, tanto celebrada,
 D'improvviso descer crua tormenta
 Com feia, e pavorosa trovoada:
 Qu'após si leva quanto s'apresenta,
 Mudando em vasto mar a terra arada,
 E o Pastor lá n'um alto estando áleria
 Fica absorto com a boca aberta. (1)

XVI.

Assim estes Guerreiros sanguinarios
 As riquezas pizando de Pamona,
 Tndo prostrão por terra temerarios
 Instigados de Marte, e de Bellona:
 As chammas vão prender nos sanctuarios,
 Porque d'audazes seu valor blasona,
 Quaes lobos carniceiros, e esfaimados
 Que a fome vão cevar nos grossos gados.

XVII.

Sacrificava em honra de Deos vivo
 O pão dos Anjos hum Sacerdote puro,
 Quando por mando d'um Guerreiro altivo
 (Só digno d'occupar o Reino escuro)
 Com aspecto iroso d'odio indicativo
 Desprezados das penas do futuro,
 Contra elle accommettendo denodado,
 No proprio sangue o deixa ensanguentado.

XVIII.

E depois arrancando o inclemente
 (Trepido contallo inda duvido)
 Das santas mãos a victima innocente
 Aos pés a calca com furor subido:
 Imitador do raio fero, e ardente
 Os Santos prostra do Altar erguido,
 A cinzas reduzir deseja tudo
 Com ímpio fogo, com o ferro agudo.

XIX.

Possivel Lei, ó Nume Sempiterno,
 Que tão enormes culpas soffrer possas,
 Sem despenhares no horrendo Inferno
 Estes ousados, temerarios Osas?
 Tu que só c' hum aceno, e mando eterno
 Altos Palacios, abatidas Choças
 A nada reduzir podes, querendo,
 Porque tudo te serve obedecendo.

XX.

Mas ah, Senhor, que neste soffrimento
 Inda mais tua grandeza estás mostrando,
 Podias desfazer o Firmamento
 Em raios mil, os Pólos assombrando:
 Podias, se quizesse, n'um momento
 Aniquilar o seu poder nefando,
 Mas ainda offendido, tens piedade
 Da céga, da perdida humanidade!

XXI.

O' Patria, ó Lysia, estancia sempre amada
 Desse alto Deos, que rege o Ceo e a Terra,
 Em ti inda se vê verificada
 O que elle prometteo na antiga Guerra.
 Inda a Campina existe ensanguentada
 Dos vís cadaveres que em si soterra,
 Onde cinco Reis Mouros abatidos
 Forão por nossos braços destruidos.

XXII.

Deo nisto volta ao mar a luz mais pura,
 E logo a feia noite foi cobrindo
 A Terra e Ceo d' horror e sombra escura,
 Os Montes, e os Valles encobrindo:
 Quando por sonhos ver se m' afigura
 Hum bando de Guerreiros torpe, e infindo
 Accommetterem hum Pastor sagrado
 Por suas cans e letras respeitado.

XXIII.

Quão diverso, ai de mim! Quão differente!
 Daquelle grão Prelado, e tão famoso,
 Arrimo, e Protector da triste gente,
 Da Viuva, e do Orfão desditoso!
 O rosto tem por terra torpemente,
 E os cabellos pegados c' o abundoso
 Sangue, que lhe corria das feridas
 Por Deos, e pela Patria recebidas.

XXIV.

Minha afflicta, mas com segurança
 Fallar-lhe triste assim me parecia,
 Oh d' Evora esplendor, onde descança
 A Lei de quem formou a noite e o dia!
 Ah que perdida está nossa esperança,
 Todo o nosso prazer, toda a alegria!
 Possivel he, Senhor, que teus cançados
 Olhos veja p' ra sempre eclipsados.

XXV.

Que sacrilegas mãos pôde afear-te
 Teu venerando gesto, e esclarecido?
 Ou que infando, e cruel tão maltratar-te
 Depois de tanto sangue desparzido?
 Dos infortunios seus mal dando parte,
 Com alento mortal e enternecido
 Estas palavras só me diz morrendo
 „ Estes sagrados lares t' encommendo „

XXVI.

Não quer o Ceo, que agora se defenda
 Esta Cidade do imigo bando,
 Crescendo a chamma vai com furia horrenda
 As mais sublimes Torres abrazando:
 Não quer o Ceo que o meu valor expendo
 Deste horror repellindo o fim nefando,
 Disse, e do sonho sahindo á liberdade
 Dizer ouvi ser pura realidade.

XXVII.

Conter não posso a cólera no peito
 Espectaculo tal vendo, e notando,
 E não temendo já da morte o aspeito
 Hum bosque d' armas vou atravessando:
 Comigo alli s' ajuntão deste geito
 D' altivos Lusos valoroso bando
 Despertos a morrer desesperado,
 Entre o imigo fero, mas honrado.

XXVIII.

Toda a Cidade em tanto por momentos
 De clamores s' enchia, e prantos varios,
 D' infindos alaridos e lamentos,
 De ternos ais, de gritos temerarios:
 Das Vestaes os sagrados aposentos
 C' o a imiga entrada ficão solitarios,
 Qual foge por salvar a cara vida,
 Qual de terror e susto a vê perdida.

XXIX.

Bem como quando a chamma crepitante
 N' um Bosque emmaranhado s' enfurece
 Com os sopros do vento sibilante,
 Que até ao Ceo em linguas sóbe, e cresce:
 E o Pastor incauto, e ignorante,
 Qu' o misero successo reconhece,
 O fato seu deixando espavorido,
 Corre pr' Aldêa atonito e perdido.

XXX.

Assim estas Vestaes a Deos só dadas
 Fugindo vão por asperos escolhos,
 De seu Esposo só acompanhadas,
 Ternas agoas vertendo dos seus olhos:
 As penhas vão buscar alcantiladas
 Correndo vencem asperos escolhos,
 Seus pés estão em sangue já desfeitos:
 Tanto susto domina nos seus peitos!

XXXI.

S' estas Esposas tuas t'hão merecido
 (Desta arte fallão com o immortal Ente)
 Teu favor, teu amparo esclarecido,
 Os olhos teus em nós põe, Pai clemente!
 Do braço nos defende enfurecido
 Desta implacavel, e cruenta gente;
 Pai, nosso fim miserrimo he certo,
 Teu auxilio nos dá em tanto aperto!

XXXII.

Com femininos gritos, e clamores
 As abobedas soão retumbando,
 Fere o clamor o Ceo, e nos maiores
 Montes, o éco se vai multiplicando:
 Pelas sellas, e vastos corredores
 Sem alma as Virgens pállidas orando,
 Com as portas s' abração lacrimosas,
 E as beijão chorando saudosas. (1)

(1) Virg. Eneid. Canto II.

XXXIII.

Qual de Pombas no Inverno espesso bando,
 Qu' o imigo Falcão temem com susto,
 As quaes todas em Esquadrão voando
 S' escondem nas entranhas d' um Arbusto:
 Assim estas Vestaes a si, chegando
 Os santos Simulacros, o Deos justo,
 Temerosas do ímpio ajuntamento
 S' encantão no fundo do apposento.

XXXIV.

Dos Guerreiros o bando ao longe sôa
 Com fêra, e mais que horrenda vozaria;
 O clamor das Trombetas tudo atrôa
 Quanto vemos que cobre a luz do dia;
 A fama de seus males já resôa,
 Já s' ouve o horrivel som d' Artilheria,
 Nesta afflicção m' occorre na memoria,
 Que morrer pela Patria he honra, he gloria.

XXXV.

Porém que duro peito, e denodado
 Oppôr-se póde ao Destino e Sorte,
 Se tem por adversario o Ceo irado,
 O Arbitro Senhor da Vida, e Morte?
 Nada póde o valor assignalado
 Do Luso peito corajoso e forte,
 Nada póde na Terra o triste humano;
 Sem ajuda do braço Soberano.

XXXVI.

De balas sobre nós desce hum chuveiro,
 Mas inda assim em Deos só confiados,
 Mostramos nosso espirito guerreiro
 Pela terra deixando a mil prostrados:
 Qual em ferir o imigo era o primeiro,
 Qual cuida em fazer feitos sublimados,
 Qual dá a vida p' lo louvor eterno,
 Inda a pezar do contraposto Inferno.

XXXVII.

Vós, justos Ceos, que viste o valor nosso,
 A verdade dizei do que passámos.
 Testemunhai o misero destroço,
 Qu' em tão fatal conflicto executámos:
 E pois todo este lance foi só vosso,
 Porque em vós confiados, nelle entrámos;
 Porque causa, Senhor, não permittiste
 Qu' hum dia visse o imigo horrendo e triste?

XXXVIII.

Quem contar pertendesse as crueldades
 Qu' executarão estes vís Guerreiros,
 Discorrendo por Villas e Cidades,
 Em vão despenderia annos inteiros:
 Seria numerar as novidades
 De que Apolo produzem os chuveiros,
 As gotas numerar da fria neve,
 Ou reduzir o mar a concha breve.

XXXIX.

Assim contando estava o triste Albano
 Tão luctuosa, e tão fatal historia,
 Quando notou que o Astro Soberano
 (Que só fallando fez o Author da Gloria)
 Nas ondas s' escondia do Oceano,
 E então revolvendo na memoria
 O fim de tantos males desastrados,
 Repouso deo aos membros fatigados.

XL.

Porém tanto que a bella, e rôxa Aurora
 O dia trouxe aos miseros mortaes,
 Delio que tudo ouvio, lhe diz: agora
 Dize-me a causa destes festivaes
 Dias, e do que vejo a toda a hora,
 Por todos estes Campos e Casaes,
 A caso o Ceo propicio ao nosso rogo,
 Mandou a nossos males desafogo?

XLI.

Alb. Lá nessa fria Região de neve,
 Huma Nação habita tão briosa,
 A qual inda que occupa terra breve
 Feito se tem no Mundo assás famosa:
 Ninguém ao seu valor oppôr s' atreve,
 Pois sempre ficar soube victoriosa,
 A fama apregoa pelos ares,
 Princeza chamando-lhe dos mares.

XLII.

Esta he a illustre e audaz Inglaterra,
 Da qual a fama inclita pregoa
 Qu' aos Lusitanos fulminada guerra
 Na origem, libertou a Lusa G' roa;
 Quando convulsa s' ostentou a terra,
 Ella arrimo foi da infeliz Lisboa,
 Esta he só quem gozando feliz auran
 Dos barbaros Francezes nos restaura. (1)

N O T A.

Todos versados nas nossas historias sabem, que esta illustre Nação foi logo na origem da Monarquia quem deo o primeiro exemplo de valor, ajudando ao nosso illustre e guerreiro Rei D. Affonso Henriques, a expulsar os Mouros das nossas Terras. Que foi ella quem pelo memoravel Terremoto de 1755, que mandou a Portugal o mais sumptuoso presente que vio o Mundo, cuja lista apresentariamos, se fosse proprio o lugar. O ultimo rasgo de Alliança, e de íntima amizade ao nosso amavel PRINCIPE REGENTE, e a toda a Nação, que em todos os Seculos se avaliará por maravilhosa, he o que felizmente gozamos esperançados de gozarmos huma Paz tranquilla, e sem igual.

(1) Gasco, antiguidades de Portugal. Rezende, Marinho, Estaço, e outros, &c.

XLIII.

Esta crua Nação sempre odiosa,
 Em quanto o claro Sol der luz ao Mundo,
 Ainda não contente e ambiciosa
 De nossos campos nos roubar o fundo :
 Com a capa d'amiga industriosa
 O veneno occultando mais profundo
 Da perfidia mais negra dando exemplos,
 O profano roubou e os sacros Templos.

XLIV.

O nosso Maioral, que o Ceo nos guarde
 Por muitos annos com feliz ventura,
 Porque o mal eminente o não aguarde
 Além de Elysia busca outra espessura :
 Ah que d'o vermos o coração nos arde
 Em mil desejos d'huma fé mais pura !
 Quando, Ceos ! chegará aquelle dia,
 Em que possamos ter tanta alegria !

XLV.

E porque esta Nação tão afamada
 A ferro, e fogo deaterrou triunfante
 Desta estancia de todos invejada
 O bando imigo, vil e arrogante,
 Motivo porque nesta madrugada,
 O seu prazer mostrando no semblante,
 Todos ao Templo correm a dar graças
 A Deos, por nos livrar de mil desgraças.

XLVI.

Del. O coração no peito me não cabe
De júbilo, amigo, e prazer tanto,
Indecisa a minha alma bem não sabe
O que ha de praticar cheia d'espanto:
E porque o tempo audaz não menoscabe
Tão venturoso dia, e terno canto
Hoje aqui tecer contigo quero,
E por isso a lyra já tempero.

*Cantão os Pastores em Acção de Graças
a Christo Senhor Nosso.*

Soberano Senhor, Deos sempiterno,
Que tanto excelso habitas nessa altura,
Quanto dos astros dista o negro Inferno (1)
(Habitação de pranto, e d'amargura)
Recebe amavel Pai, gostoso, e terno
Este rustico Canto, que a candura
De nossas almas, sem enfeites d'arte,
Cheias de gratidão, deseja dar-te!

Alb. Celeste Virgem, a quem cinge a frente
D'estrellas immortaes aurea Coroa,
Deste rustico Canto, e innocente
As falhas, e defeitos nos perdoa! (2)
Fallar de ti só póde dignamente
Angelico Esquadrão que o Ceo povôa,
Fallar de ti não póde inda o facundo,
Porque não se penetra o mar profundo.

(1) Tasso, Jerusalem libertado.

(2) Idem.

Del. Em quanto os rios para o mar correrem,
 As estrellas brilharem no Ceo puro,
 Os Gamas pelos bosques discorrerem,
 E o arado rasgar o campo duro:
 Em quanto nestes prados florecerem
 Estas amenas flores, eu te juro,
 Que todos, ó bom Deos, te dem as graças,
 Pois nos livraste de mortaes desgraças!

Alb. Em quanto destes campos os Pastores
 Ledos apascentarem seus Rebanhos,
 E gozarem do Sol os resplandores
 Nos patrios lares, ou inda nos estranhos:
 Em quanto despendereem seus suores
 Em curar dos domesticos amanhos,
 Eu te prometto, ó Virgem Padroeira,
 Que te rendão a fé mais verdadeira.

Del. Esta Nação illustre, e fiel amiga
 Da Lusitana gloria, que salvaste
 Audaz vestida d' immortal loriga,
 O Luso Reino, e teu valor mostraste!
 Tu que sabes guardar virtuosa liga
 Inda a pezar do mais fero contraste,
 Teu nome gravaremos com amor terno
 Com letras d' oiro, sobre o bronze eterno.

Alb. Nos troncos destes Cedros corpulentos,
 Que parecem durar thé ao fim do Mundo,
 A quem em vão combatem soltos ventos,
 Com impeto cruel e iracundo:
 Nelles alcemos firmes Monumentos,
 Qu' em vão contraste o tempo furibundo,
 Em louvor desta gente assignalada,
 Por feitos immortaes de sua Espada.

Del. E pois não temos pedras refulgentes,
 Qu' offertar-lhe pudesseamos ditosos
 Nestes rusticos versos e innocentes
 As almas lhe daremos amorosos;
 De loiro mil capellas florecentes
 Lh' offertaremos hoje venturosos,
 E como a nossa dadiva he tão pura,
 Não deixará de ter alta ventura.

Alb. Estas pelles que tenho mosqueadas,
 De que meus Pais fazião grande estima,
 De todos os Pastores invejadas,
 Desconhecidas neste nosso clima
 Ao Author das acções assignaladas
 Levarei hoje com vontade intima,
 Grato sei que ha de ver a minha offerta,
 Porque he d'um puro voto prova certa.

Del. Porém suspende, amigo, o doce Canto,
 E põe de parte o rustico Instrumento,
 Porque a noite com escuro manto
 Nos chama para o rustico aposento:
 Tempo, tempo virá, que com espanto
 Alçar vejas ao alto Firmamento
 O nome desta Gente esclarecida
 Por Cisnes d'alta voz, ciencia erguida.

Assim dizião, e porque a noite escura
 Com o manto d'estrellas recamado,
 Descido tinha já sobre a espessura,
 Cuidarão d'abrigar seu manso gado:
 E depois que cearão sã verdura,
 E hum tarro de leite retesado,
 Sobre o socio feno se deitirão,
 E livres de cuidados repousarão.